

VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

AMARO QUINTAS (1911-1998)

O nome do historiador pernambucano a quem dedicamos a presente seção está vinculado a esta publicação desde o seu início. A "nota de abertura" do número inicial da NBH, distribuído em março de 1969, continha um comentário à então recente reedição do livro de Amaro Quintas sobre a Revolução Praieira. Embora não fosse o primeiro trabalho de sua lavra, foi o lhe deu real projeção nos quadros da historiografia brasileira. Lembrávamos em a citada "nota de abertura", que, até então nenhum dos historiadores que se ocuparam da "Praieira" vira nela mais do que um movimento político, a traduzir a rivalidade entre liberais e conservadores, em torno da qual girou praticamente a vida política do Segundo Reinado. Abrimos uma exceção para Joaquim Nabuco, o único que, de fato, havia percebido alguma coisa além do comum dos autores, dedicando, à apreciação do movimento, diversas páginas de sua obra capital, embora a sua preocupação não fosse senão a de resaltar a atuação do pai como juiz dos revolucionários. Todavia, embora discordando dos motivos e dos ideais da revolução, fez Nabuco um trabalho honesto, sabendo ver o lado sério da revolta e reconhecendo o papel que nela tiveram as massas.

Realizando acurada pesquisa nos arquivos pernambucanos, manuseando coleções de jornais e outras publicações da época, penetrando fundamente nas idéias dos responsáveis pelo movimento, através de seus escritos, pôde Amaro Quintas apresentar-nos algo de novo, fornecendo como que uma primeira mão nesse trabalho de interpretação de um dos principais movimentos de nossa história.

Elaborado como tese de concurso para provimento da cadeira de História do Brasil do Colégio Estadual de Pernambuco, teve, de início, circulação restrita, dada sua natureza e objetivo, em tiragem reservada (1949), às quais seguiram-se mais duas, também de pequena circulação,

até que surgiu a oportunidade de uma edição comercial, pela Civilização Brasileira, na época uma das mais importantes editoras do País. Para esta edição, houve por bem Amaro Quintas acrescentar mais cinco capítulos, originalmente divulgados em publicações avulsas, todos implicando em novos esclarecimentos sobre o movimento de 1848. Cumpre destacar o primeiro deles, no qual se estuda a influência do chamado espírito "quarante-huitard" (da França) na "Praieira" e no pensamento político pernambucano da época.

Com seu trabalho, tornou-se Amaro Quintas conhecido como o "historiador de **Praieira**", embora seu campo de interesse fosse muito mais vasto, começando mesmo com a Revolução de 1817, que lhe propiciou importante contribuição, elaborada, também, como tese de concurso do tradicional educandário recifense. Sua produção continuou até quase o final de sua existência sempre visando ao estudo das idéias em Pernambuco no século passado, não só em livros e opúsculos, como nos dois excelentes capítulos que redigiu para a **História Geral da Civilização Brasileira**, a extensa obra dirigida, em seus primeiros volumes, por Sérgio Buarque de Homanda. E, ainda, como historiador consciente, valorizando e mesmo divulgando fontes importantes, como o fez com **O Progresso**, a publicação periódica de Antônio Pedro de Figueiredo, valiosa para o conhecimento da época, cujos números foram todos reunidos e editados num belo volume pelo Arquivo público de Pernambuco, com introdução e anotações de Amaro Quintas.

Nascido na capital pernambucana aos 22 de março de 1911, Amaro Soares Quintas fez em sua cidade natal excelente formação: a humanística, no tradicional Ginásio Pernambucano e a Jurídica na não menos tradicional Faculdade Direito de Recife. Do colégio em que estudou foi professor e diretor. Conforme já lembramos, dois de seus trabalhos mais importantes foram elaborados para concurso nesse educandário. Em nível superior, lecionou nas duas universidades de Recife, a Federal e a Católica. Sócio efetivo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano e da Academia Pernambucana de Letras. E como correspondente, integrou os quadros dos Institutos Históricos de São Paulo, Alagoas, Paraíba e Ceará e também do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vivendo sempre no Recife, aí faleceu aos 21 de maio do corrente ano.

Seu falecimento foi registrado com muito sentimento pela imprensa recifense, como tivemos conhecimento por recortes de jornais enviados por amigos e confrades de Pernambuco. De um deles, do geógrafo e historiador Manuel Corrêa de Andrade, destacamos este tópico final:

"Amaro Quintas pode ser considerado um dos mais completos professores de História de sua época, sempre brilhante, profundo e atualizado, um pensador político... Formou gerações, definiu posições... fez discípulos, divulgou idéias e contribuiu para o desenvolvimento do conhecimento da sociedade em que viveu e onde atuou. Foi uma expressiva figura de Pernambuco".

BIBLIOGRAFIA

Com exceção de duas reedições publicadas por editora do Rio de Janeiro e da colaboração na **História Geral da Civilização Brasileira**, publicada pela Difel, de São Paulo, toda a extensa produção de Amaro Quintas veio a lume na própria cidade do Recife. De algumas delas não conseguimos a indicação da editora ou impressora; colocamos apenas as datas.

A gênese do espírito republicano em Pernambucano e a revolução de 1817. 1939.

O sentido social da Revolução Praieira: uma interpretação. Imprensa Oficial, 1946.

Reflexões sobre o mundo moderno. 1947.

Capitalimo e Democracia. 1947.

Um intérprete da Revolução Praieira (Antônio Vicente do Nascimento Feitosa) Imprensa Oficial, 1948.

Considerações sobre a "Praieira". Imprensa Oficial, 1949.

"O Progresso": intr. e notas de Amaro Quintas. Imprensa Oficial, 1950.

Atualidade da Inconfidência. Nordeste, 1952.

Notícias e anúncias de jornais. Departamento de Cultura, 1953

Reflexões sobre a Democracia. 1954.

Uma nova Pasárgada. 1955.

Massificação e Humanismo. Imprensa Oficial, 1957.

Antônio Pedro de Figueiredo. Rev. de História, v. 34. 1958.

O Padre Lopes Gama, político. Imprensa Universitária, 1958.

Pereira da Costa e a moderna historiografia. 1967.

Pródromos da Guerra dos Mascates. 1968.

Gilberto Freyre e a historiografia brasileira. 1970. Rev. de História, nº 83.

O sentido social da Revolução Praieira. Reedição, com acréscimo de: **O espírito "quarante-hitard" e a Revolução Praieira; Novas considerações sobre a Revolução Praieira; Um intérprete da Revolução Praieira; A Revolução Praieira; Antônio Pedro de Figueiredo.** Civ. Bras., 1977. Rio de Janeiro

A Revolução de 1817 1985. (Edição revista do primeiro título)